

15. UMA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO EM CECÍLIA MEIRELES

Prof. Dr. Selvino Antonio Malfatti
 Universidade Federal de Santa Maria
 E-mail: selvinomalfatti@hotmail.com

Resumo: No contexto do movimento modernista, no Brasil, na década de Vinte, origina-se uma proposta educacional denominada Escola Nova. Pretendia abandonar o denominado modelo tradicional de escola para implantar um modelo moderno, transferindo o centro decisório da autoridade de pais e professores para a liberdade de alunos e professores. A obra de Cecília Meireles inclui-se neste contexto.

Palavras-chave: Política, Escola Nova, Educação.

1. Considerações Preliminares

O presente texto sobre Cecília Benevides de Carvalho Meireles pretende destacar alguns tópicos do pensamento da autora sobre educação. Não é crítica, nem avaliação, apenas exposição de recortes de ideias. Isto porque nem ela mesma pretendeu dar uma sistematização teórica de suas concepções. Seu pensamento emerge no torvelinho da política, ora defendendo posições, ora atacando outras e, até mesmo, retocando algumas que lhe pareciam incompletas. Não vamos encontrar uma Meireles acadêmica, mas uma jornalista polemista, ora na ofensiva, ora na defensiva, mas a maior parte das vezes batalhadora de front, empunhando sua arma de ataque e defesa: a Página de Educação no jornal Diário de Notícias e depois na Folha de São Paulo.

Viveu e escreveu num período politicamente conturbado, a maior parte dele no governo de Getúlio Vargas que não se cansava de inovar no seu autoritarismo. Revolucionário, constitucional a seu modo, ditador e suicida.

Através da espada da Página da Educação, em política exibe a marca mais saliente de Cecília Meireles: sua opção pela democracia liberal. Por isso, de imediato granjeou desafetos entre os partidários do “Sr. Ditador”, entre deles o ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos. Entre os católicos, no tradicionalismo da Igreja, que insistia no ensino religioso, mesmo em escolas públicas, Tristão de Atayde. Meireles propunha um ensino universal, unissexual e supraconfessional.

Na organização social combatia a divisão de classes, grupos, o sectarismo e preconceito racial. Defendia o feminismo através do mérito, sem privilégios. A mulher deveria “subir” através de sua capacidade. Da mesma forma, ao exacerbado nacionalismo, próprio da época, contrapunha a fraternidade universal.

Paralelamente à atuação como jornalista combativa, obrava, quase em silêncio, uma professora poeta, que fazia poesia para as crianças, louvava a natureza e meditava misticamente sobre a natureza humana. Cada situação, encontro, viagem, livro era motivo de uma meditação filosófica externada na poesia.

Estas são as duas “cecílias”: a poetisa e a guerreira.

2. Dados Bibliográficos

Cecília Benevides de Carvalho Meireles (1901-1964) é uma poetisa brasileira. Nasceu no estado do Rio de Janeiro. Antes de nascer perdeu o pai e com três meses de idade, a mãe. Foi criada pela avó.

Fez o curso primário na Escola Estácio de Sá. Recebeu das mãos de Olavo Bilac a medalha de ouro por ter feito o curso com louvor e distinção. Em 1917 formou-se professora na Escola Normal. No Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Estudou música e línguas. Exerceu o magistério em escolas.

Em 1909 publica sua primeira obra, “*Espectros*”. Em seguida, 1923, publica “*Nunca Mais*” e “*Poema dos Poemas*”. Adere ao movimento modernista e integra do grupo carioca a *Festa*.

Em 1930 inicia a colaboração no Diário de Notícias, no qual publica diariamente conteúdos referentes à educação. Em 1934 organiza a Biblioteca Infantil, no Pavilhão Mourisco no Botafogo. Viaja para Portugal. Em 1935 é nomeada professora de Literatura Luso-brasileira E de Técnica e Crítica Literárias da Universidade do Distrito Federal. Nos anos seguintes continua publicando tanto em livros como revistas e jornais.

O pensamento de Cecília Meireles – está esparso na produção poética em forma de livros, prosa, crônicas, contos bem como sua página “Página de Educação”, do Diário de Notícias, entre outros.

Em vida o torvelinho político envolveu Cecília. Em 1930, estoura a Revolução da Aliança Liberal cujo comando estava a cargo de Getúlio Vargas. Em 1932, deflagra a Revolução Paulista contra Vargas e o constitucionalismo. Nova Constituição de 1934 e o Golpe de Estado de 1937. No período ocorre o tenentismo, a intentona comunista, Ação Integralista e outros.

Cecília faleceu no Rio de Janeiro, em nove de novembro de 1964 (COELHO, *Cecília Meireles: vida e obra*. Dicionário crítico de escritoras brasileiras. 2002).

3.Modernismo e Cecília Meireles

A Semana da Arte Moderna, no Brasil, em 1922, foi o desencadear de tentativas de romper com a arte tradicional. O objetivo longínquo era de criar uma arte genuinamente brasileira. O Grupo dos modernistas quer fazer nascer “uma arte genuinamente brasileira: filha do céu e da terra, do homem e do mistério”. Neste ambiente surgem movimentos os “vanguardistas” que pretendem chamar a atenção do público e para tanto exageram nas suas formulações como, por exemplo, Oswald de Andrade, no Manifesto Antropofágico. Na Europa as Vanguardas foram, como no Brasil, movimentos de Revolta contra o tradicionalismo chamado de “raqúitico”, como o período francês de Belle Époque. A ordem, então passa ser o apelo para o “novo” em oposição ao tradicional. (BOGI, 2006, p. 323)

Cecília, antes de ingressar no modernismo, transitou por várias correntes literárias. Conheceu o simbolismo. É nesse período que associa religiosidade, individualismo e certo desespero. Nos temas filosóficos externou uma poesia reflexiva refletindo temas como a vida, o tempo, o amor, o infinito e a natureza. Demonstrou sempre interesse pela filosofia oriental inclusive traduzindo obras do poeta hindu Rabindranath Tagore.

Os temas que mais atraíram Cecília foram:

- A educação como prática e teoria.
- Educação da Infância brasileira. Neste contexto atuou em prol da educação como cronista, educadora, jornalista, escritora, poesia, em que pese

o exíguo espaço conferido pela política na época, principalmente década de Trinta do século XX.

- Forma da Educação. Que fosse gratuita, leiga, de qualidade e para todos. Para tanto buscava uma nova forma de educação, varrendo de seu seio rezas e pontapés, adotando os princípios da Escola Nova, através um Plano de Renovação Nacional.

- Educação Nova Integrando o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, documento redigido por Fernando de Azevedo e assinado por vinte e seis destacados intelectuais, os quais se propuseram a renovar a educação sob o emblema de Escola Nova.

A autora viveu o Modernismo na sua segunda fase. O primeiro, o de 22, também chamado de Fase Heroica, perdurou até 1930. O principal evento foi a Semana da Arte Moderna, de 1922, realizado no Teatro Municipal de São Paulo. Rompeu com os padrões artísticos tradicionais. Os artistas preocuparam em inovar trazendo o que havia de novo na Europa, principalmente em Paris: cubismo, futurismo, expressionismo, dadaísmo, surrealismo entre outros. Em outros setores também se manifestou o “novo”. Incrementaram-se os meios de comunicação com telefone, telégrafo e rádio. Os transportes deram uma guinada para a modernização com automóvel, trem e avião. Nas relações de trabalho surgiu a CLT com leis trabalhistas, introduzindo a jornada de trabalho, férias, aposentadoria, descanso semanal remunerado. Foi criada a primeira rádio Brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Parece que pouca influência teve a condenação do modernismo pelo papa Gregório X, na encíclica *Pascendi Dominici Gregis*. Cecília opta pelo modernismo contra a posição papal.

Ficou famosos o “Grupo dos cinco”: Mário de Andrade (1893-1945), Oswald de Andrade (1890-1954), Menotti Del Picchia (1892-1988), Tarsila do Amaral (1886-1973), Anita Malfatti (1889-1964).

Já na Segunda Fase, o modernismo podia ser considerado vencedor. Percebe-se pelas novas atitudes. Abandonou-se o exagero, o escândalo. Agiam com naturalidade e com isto demonstravam maturidade. Agora a tônica é o projeto de liberdade de expressão. Cada um dos autores, dentro do grande objetivo, se caracteriza por algo importante. Carlos Drummond de Andrade, com poesias sociais. Jorge de Lima com poesias metafísicas. Murilo Mendes com poesias surrealistas. Vinícius de Moraes, a percepção material da vida e, Cecília Meireles, se destaca pela reflexão filosófica existencial.

Cecília não se filia a nenhum movimento literário, mas além às tradições luso-brasileiras. Evidencia, sito sim, uma tendência ao Simbolismo, intimista e introspectivo. A característica principal é a defesa do universalismo e valores tradicionais da poesia. Neste sentido, sua poesia reflete as experiências pessoais sobre as quais faz meditações para tentar compreender e explicar o mundo que a rodeava. Geralmente sua poesia brota da circunstância vivida pela autora naquele momento que escreve. Se estiver viajando pela Itália descreve cidades e lugares italianos. Se em alto mar, sua reflexão terá o mar com o que a circunda como cenário. Quando está na Índia ou Portugal o conteúdo será sobre estes países. Como pano de fundo as indagações externam tristezas e desencantos com os quais compõe seu lirismo. Todas essas indagações, tristezas e desencantos, marcaram sua poesia, enchendo sua obra. (ANDRADE, 1955: 71)

4 Cecília e os confrontos ideológicos

O maior embate ideológico enfrentado por Cecília Meireles na educação foi o confronto envolvendo Governo, Igreja e Escola Nova. O Governo, de cunho positivista, mostra uma fachada liberal, mas internamente era positivista. A Igreja, ainda despeitada pelo despojo da Proclamação da República, continua mantendo sua posição tradicionalista e a Escola Nova posiciona-se pelos princípios liberais.

O divisor ideológico bem antes viera à tona. Mas foi com o Manifesto dos Pioneiros da Educação, 1932, elaborado por Fernando de Azevedo e seguido por 26 intelectuais, que se propunha renovar a educação brasileira, assim como acontecia em vários países da Europa.

No Brasil, reinava relativa harmonia ideológica na educação até o final da década de Vinte. No entanto, a questão da educação do país sempre esteve na pauta das discussões políticas por parte de grupos organizados. Tome-se como referência a Associação Brasileira de Educação, 1924, a influência da Escola Nova na crítica ao tradicionalismo pedagógico da Igreja. Por sua vez, Getúlio Vargas, filho de um hibridismo ideológico, pois, por parte de pai era chimango e pela mãe, maragato. Mas, ao que tudo indica, a preponderância ideológica coube ao pai – positivista- e, como tal, o catolicismo pouco interesse despertava nele.

No início de 1929, no entanto, apresentam-se três grupos rivais dispostos a disputarem a hegemonia da educação brasileira: os da Escola Nova - escolanovistas -, a Igreja – católicos -, e governo-estrategistas. Os dois desforçavam-se perante o governo querendo provar que sua concepção de educação poderia alcançar a salvação nacional, mas cada um deles com projetos distintos quanto aos fins propostos. Os católicos arremeteram-se em torno do tradicionalismo e os liberais passaram com os argumentos dos Pioneiros da Educação. (LAMEGO, 1996, p. 80-96)

O pivô da questão foi o Decreto de 1931 que facultava o ensino religioso em qualquer escola: pública ou privada. A posição do governo é defendida pelo ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos. Sua concepção política, de acordo com Bomeny e Schwartzmann, alinhava-se ao fascismo italiano, cujo ideal político era um regime de autoridades, ao contrário do liberalismo que defendia a liberdade e a individualidade. (LAMEGO, 1996, p. 80)

Campos defendia a arremetimento das massas a partir de um ideário comum, sob a liderança de um mestre, apoiado num Estado forte e legítimo. Defende um regime voltado para as massas, calcado num líder carismático centro da integração política. Este regime é próprio da ditadura e não da escolha. (Id.)

Evidentemente, com esta visão política e ideológica, bate de frente com os princípios liberais da Escola Nova que preza a liberdade individual acima de qualquer interferência do Estado. Para Campos, o liberalismo é um regime anacrônico e o tradicionalismo católico poderia servir melhor aos objetivos do governo de Vargas.

No grupo dos católicos alinhavam-se membros das principais associações: Centro D. Vital, em São Paulo e no Rio de Janeiro, na Associação dos Professores Católicos do Distrito Federal e, principalmente, a partir de 1934, na Confederação Católica Brasileira de Educação. Seus membros congregaram-se principalmente na Revista *Festa* (FESTA, 1978) da qual Cecília no início foi

colaboradora. Além da tradição, acompanha a linha espiritualista, atraindo um número relativamente grande de filósofos e escritores católicos.

Neste grupo destacaram-se principalmente: Tristão de Athayde (1893 – 1983), Gustavo Corção (1896 –1978), Jackson de Figueiredo (1891 - 1928).

O alvo da crítica na questão religiosa, no Decreto, é o ministro Francisco Campos. Isto por que o documento facultava o ensino religioso em escolas públicas e privadas. Para Cecília, religião é catequese, isto é, a subordinação à uma seita. Cecília não dirige críticas diretas a Getúlio Vargas, mas sempre ao ministro da educação (LAMEGO, p. 84).

Getúlio Vargas, para legitimar a Revolução, necessitava arregimentar forças político-sociais a seu favor. Evidentemente buscava algum grupo que sintonizasse, ao menos em parte, com sua ideologia positivista. Viu que este grupo, defensor tradicional da moral, seria a Igreja católica. E por isso abre-lhe as portas da educação, inclusive no ensino superior, ou universidades (DECRETO Nº 19.851, DE 11 DE ABRIL DE 1931).

A Igreja não se fez de rogada ao convite. Evidentemente, sem subordinação. Conforme o cardeal D. Leme: ou o Estado reconhece o Deus do povo, ou o povo não reconhece o Estado. (In: LAMEGO, p.124). À ação moralizadora, meta do governo de Getúlio, a Igreja correspondeu plenamente. Como os princípios liberais da Escola Nova, não só eram concorrentes como uma ameaça, por isso mereceu da parte da Igreja um combate sistemático. Centrou-se sobre a laicidade da educação, a coeducação dos sexos e o monopólio estatal. Conforme Alceu Amoroso Lima, a Constituição, a Escola e a consciência ficaram sem Deus. Era preciso restitui-Lo.

Num balanço feito sobre a Primeira República diz a Igreja que: o regime laicista teve tempo suficiente para dar provas de si, ruiu em 1930 após informar toda a instrução pública primária, secundária, normal e superior, Deus foi excluído na formação dos brasileiros, seccionou o ensino público do privado, a escola da família, introduziu a indiferença moral. (A ORDEM, 15/05/1931)

À medida que a Igreja ascendia, a Educação da Escola Nova perdia terreno. Já havia demonstração de vitória, como aconteceu com a Consagração de Nossa Senhora Aparecida Padroeira do Brasil, diante de uma multidão Getúlio e o Cardeal Leme discursando juntos. Cecília lamenta num artigo intitulado: “Pobre Escola”. (MEIRELES, Pobre Escola, *Página da Educação*, 9/05/1931).

Dentre os dois segmentos após a vitória da Aliança Liberal que se apresentaram na disputa pela hegemonia ideológica, Escola Nova e Igreja, conforme Cecília incontestavelmente a Igreja levou a melhor. Prova disto é a atuação das Legiões, grupos paramilitares em defesa dos interesses revolucionários, que se posicionam abertamente na defesa dos compromissos com a Igreja, mormente no que se refere ao ensino religioso e a validade do casamento religioso, conforme Gustavo Capanema, diretor de Instrução, de Minas Gerais: “a Legião reafirma todos os compromissos com a Igreja...” (MEIRELES, *Aquele Desastrado Decreto*, 29/05/1931)

5. A Bandeira da Escola Nova

O fenômeno da Escola Nova na educação não foi um movimento isolado no Brasil. No Inglaterra iniciam-se um iniciativas e ensaios no sentido de renovação do ensino. Surgem algumas escolas com o nome de “public-schools”. Não eram instituições oficiais. Eram chamadas de públicas porque mantidas por

fundações de interesse geral e recebem alunos de todas as regiões do país, ao contrário das escolas locais. Os dirigentes perceberam alguns defeitos das escolas do seu tempo como convencionalismo, intelectualismo e individualismo e se propuseram a saná-los. Para tanto algumas escolas começaram a mudar sua filosofia como Arnold na Escola de Rugby, Sanderson na Escola de Oundle, este último procurando estabelecer uma harmonia entre a escola e a vida real dos alunos.

No entanto, foi com algumas escolas pioneiras que o sentido de Escola Nova se diferenciou das até então existentes.

1. Cecil Reddie e a Escola de Abbosthome. Não dissociava a escola da vida real.

2. Badlei e a Escola de Bedales. Proporcionou a autonomia dos alunos e a coeducação, algo totalmente novo.

3. Demolins e a Escola des Roches. Conseguiu implantar o senso de responsabilidade em seus alunos.

4. Lietz e o Lar da Educação no Campo. Uma escola na Alemanha que conseguiu implantar plenamente a filosofia, método e programa da Escola Nova.

5. Wineken, Geheeb e as Comunidades escolares livres. Implantou um programa que objetivava a mudança social pela escola e a educação simultânea de ambos os sexos. (LOURENÇA FILHO, Introdução ao Estudo da Nova Escola; bases, sistemas e diretrizes da Pedagogia Contemporânea, 2002, p. 245-249)

No Brasil, a ideia de Escola Nova, incorporou a realidade brasileira, isto é, os problemas específicos, mormente no que se refere o conteúdo e método educacionais. Os principais princípios que norteavam a Escola Nova eram: a laicidade, o publicismo e a coeducação.

Na escola tradicional o conteúdo privilegiava um ensino clássico pelo qual o aluno assimilava, sem participação, o que lhe era ministrado. O método, por sua vez, era formal, isto é, o professor ministrava a matéria e o aluno decorava o conteúdo. Contra isto, Cecília se insurgia. Era preciso inverter, dizia ela. O ponto de partida é o aluno, seus problemas reais, sua circunstância, sua realidade. O método devia ser também a partir do aluno, fazer que ele mesmo construa o conhecimento. Em seu programa, Cecília reivindicava novos estudos afetos à psicologia do comportamento humano. Os grandes responsáveis pela educação, a Família, Igreja e Estado, deveriam propiciar uma renovação educacional. (LAMEGO, 1996, p. 31)

O ponto nevrálgico, porém, da proposta educativa de Cecília foi a questão da responsabilidade da ação educativa. Para ela, nem o a Família, nem o Estado deveriam ser os titulares, mas a Escola. Isto por que a Escola era o espaço público, por isso a defesa da escola ser administrada pelo Estado, embora houvesse interferência doutrinária e moral da Igreja e da Família. Uma e outra eram responsáveis pela estrutura social vigente ou interferirem na vida pública do indivíduo, apontando-lhe um destino profissional e na vida espiritual, de ordem privada, ao lhe pregar uma moral e uma conduta a seguir (Id. p. 32).

Além disso, com a transferência da educação para a responsabilidade da escola haveria democratização da instrução, ao contrário do que acontecia até então, quando isto era entregue à Família e à Igreja.

Desta forma o princípio da Escola Nova era a liberdade individual em substituição à autoridade institucionalizada. Em Cecília defrontam-se os dois princípios: o da liberdade, da Escola Nova, e o da autoridade, defendida e praticada pelos católicos. (Revista a ORDEM, 1931). Ambos, grupo de católicos e escolanovistas, creditavam à educação sua tarefa.

1. Educação Infantil.

Meireles se pergunta o que é de criança no adulto e o que há de adulto na criança na relação adulto/criança? Diz ela: “Uma das complicações iniciais é saber-se o que há de criança no adulto e o que há de adulto na criança que pode aceitar o que os adultos lhes oferece”. (MEIRELES, 1984, p. 30)

Para ela alguns problemas infantis:

- Literatura Geral e Específica,
- O livro que a criança propôs,
- O livro infantil,
- O problema moral na literatura: o bom ou útil e o belo. (Id. p. 9-63)

O que os livros de literatura infantil deveriam abrigar em seu bojo? Primeiramente deveriam ser livros agradáveis às crianças, o que elas demonstrassem prazer em ler. Por isso, não se deveria estabelecer a divisão de “literatura infantil”, para crianças, mas literatura das crianças, isto é, o que elas optaram para si. Desse modo, não seria uma literatura “a priori” feita por adultos, mas literatura infantil “a posteriori”, feita pelas crianças. (MEIRELES, 1979, p. 19)

Outro aspecto a respeito do conteúdo da literatura infantil refere-se ao conteúdo espiritual dos livros. Para Cecília o ponto de partida sempre deve ser a criança para a criança e não o adulto para a criança. Os conteúdos científicos, literários e morais devem merecer o atrativo das crianças, antes dos educadores. Evidentemente o adulto colocaria ao alcance das crianças um universo de obras-primas e as crianças escolheriam o que lhes agradasse. Certamente não se deveria deixar totalmente ao critério das crianças, isto é, leva-las a uma biblioteca e escolhessem o que bem quisessem. O educador escolheria as melhores obras e destas a criança escolheria. (Id. p. 96)

Ela própria dá o exemplo. Em seus escritos poéticos, por exemplo, embute conteúdos acessíveis para adultos e crianças. Em *Romanceiro da Inconfidência* os diversos títulos são perfeitamente compreensíveis para qualquer um que tiver um mínimo de conhecimento da História do Brasil, como *Fala Inicial* e *Cenário*. (MEIRELES, 2007, *Romanceiro da Inconfidência*. Poesia Completa, vol. 1, p. 735-948). Outro exemplo poderia ser “Poemas Italianos”, no qual as diversas cidades italianas são descritas em forma poética como Veneza, Nápolis, Roma e outras. Um professor de Geografia facilmente poderia se valer dos poemas para seus conteúdos. (MEIRELES, 2007, *Poemas Italianos*. Poesia Completa, vol. 2, p. 145-189). No entanto, é no poema místico que Cecília se eleva, por assim dizer, acima da matéria e parece pairar entre o céu e a terra, como nos Poemas de “Poema dos Poemas” (MEIRELES, *Poema dos Poemas*, Poesia Completa, vol. 1, p. 71- 79).

Poesia e poemas de Cecília podem ser aproveitados como textos didáticos para vários conteúdos: literatura, língua portuguesa, história, geografia entre outros. (GOLDSTEIN, 1982, p. 15-82)

Defende a ideia da necessidade de bibliotecas especificamente infantis. Com isso a criança poderia tomar contato com um universo maior de livros e conseqüentemente exercitar sua liberdade de escolher dentre os melhores. Os

educadores deveriam providenciar para que não faltassem dicionários e enciclopédias. Estes, com certeza deveriam estar sempre presentes nas Bibliotecas Infantis, pois são livros de qualidade, merecedores de lugar de destaque nas bibliotecas.

Cecília esmera-se no aconselhamento para a necessidade de bons livros. E faz um alerta para se distinguir os “bons livros” daqueles que seduzem, os “vistosos” como ela os denomina. Isto não significa que se deva desleixar na ilustração. Desempenha papel importante conforme se expressa: “...a boa lei parece ser a de grandes ilustrações e pequenos textos. Grandes e boas ilustrações, pois à criança só se devia dar o ótimo.” (MEIRELES, 1979, p. 112)

Não se pode também deixar de dar importância à literatura oral, aquela que as crianças recebem dos pais ou dos avós através do conto oral. Conforme ela:

(...) é a Literatura Tradicional (literatura oral) a primeira a instalar-se na memória da criança. Ela representa o seu primeiro livro, antes mesmo da alfabetização, e o único, nos grupos sociais carecidos de letras. Por esse caminho, recebe a infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estágio mágico. (Id.p..66)

Escrever para crianças é uma ciência e uma arte, no entender de Cecília. Como ciência o autor deveria conhecer profundamente as condições das crianças como crenças, fantasias e o grau intelectual delas. Como arte deveria dominar a forma de organizar tecnicamente o assunto num livro agradável, convidativo e prazeroso. Portanto, somente unindo o conhecimento do mundo infantil com a técnica literária e artística se poderia chegar ao leitor infantil. (MEIRELES, 2001b)

Ela mesma deu exemplo escrevendo diversos livros infantis tanto literários como didáticos. Entre eles pode-se destacar: “A Festa das Letras”, “Alimentação”, “Rute e Alberto resolveram ser turistas”, “Olhinhos de Gato”, “O cavalinho branco”, “Colar de Carolina”, “Sonhos de menina”, “O menino azul”, entre outros. Cada um deles era direcionado para um determinado objetivo como higiene, ciências sociais, recordações, geografia. (MEIRELES, Poesia Completa. *Os Dias Felizes*. 2007, Vol. 1, p. 469-521)

Outro tema ao qual Cecília atribuía grande importância para a educação infantil era o folclore. Quase dez após afastar-se do Diário, inicia seu trabalho como educadora no jornal a Manhã, também do Rio de Janeiro, na coluna Professores e Estudantes. Nesta coluna desenvolver outra faceta de educadora: o folclore. Como estudiosa do folclore busca sua matéria prima em pesquisas acadêmicas de outros pesquisadores. Como tal vale-se de fontes secundárias para suas propostas educacionais. Seu leque de pesquisas não contava somente com brasileiros, mas portugueses, chilenos, espanhóis. Além disso, valia-se da memória de canções aprendidas na infância.

Conforme ela, o folclore é uma cultura peculiar de cada país. Opõe-se ao universal, o qual pertence a todos. Incentivando o folclore, que é iminente popular, se educa o cidadão (MEIRELES, Manhã. *Walt Disney no Brasil*. 29 de agosto de 1941). Mostrando para as gerações mais jovens que o próprio passado faz parte do presente patenteia o elo entre as gerações e isto pode ser encontrado no folclore. Ele estabelece coesão entre os grupos sociais ao se perceber que não é de alguém particular, mas de todos. A vivência do passado

proporciona a ligação sentimental com a herança cultural de cada povo. É a vivência do passado presente. Diz ela:

O folclore, disciplina que reúne as tradições, superstições, usos e costumes de um povo, merece ser colocado em elevado nível de apreço, principalmente porque ele é um resumo vivo da alma coletiva, sua mais ingênua forma de revelação e contato (MEIRELES, *Manhã*, 29 DE AGOSTO DE 1941).

Incentivar e praticar o folclore, por isso, é proporcionar aos jovens e crianças a incorporação à sociedade através da cultura. Esta ação educativa, recria novamente as canções, cantigas, histórias que paulatinamente poderiam se perder no tempo, como já estavam caindo em desuso no tempo de Cecília. (Id. 4 de outubro de 1941)

6. Produção literária de Cecília Meireles

a. Livros

Amor em Leonoreta, 1951; A Rosa, 1957; Antologia poética, 1963; O aeronauta, 1952; Baladas para El-Rei, 1925; Canções, 1956; Cânticos, 1983; Crônica trovada da cidade de Sam Sebastian Rio de Janeiro, 1965; Doze noturnos da Holanda, 1942; Espectros, 1919; Isto ou aquilo, 1964; Mar absoluto, 1945; Metal Rosicler, 1960; Morena, pena de amor, 1976; Nunca mais, 1939; Obra poética, 1958; Ou Isto ou Aquilo, 1964; Pequeno oratório de Santa Clara, 1955; Pistóia, cemitério militar brasileiro, 1955; Poema dos Poemas, 1923; Poemas italianos, 1968; Poemas escritos na Índia, s/d; Retrato natural, 1949; Romanceiro da Inconfidência, 1953; Romance de Santa Cecília, 1957; Solombra, 1963; Vaga música, 1942; Viagem, 1939.

b. Artigos – revistas, jornais e similares.

Diário de Notícias, 1930; A manhã e a Nação, Correio Paulista, 1936; Revista Ocidente (Lisboa), Olhinhos de Gato, 1939. (MEIRELES, 1982, p. 11-12).

Referências

ANDRADDE, Mário. **Viola de Bolso (1955)**. Poesias Completas. Editora Livraria Martins, 1974.

BOSI, Alfredo. **História Concisa de Literatura Brasileira**. 47. Ed. São. Paulo, Cultrix, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Cecília Meireles: vida e obra**. Dicionário crítico de escritoras brasileiras. Escrituras, 2002.

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/viewFile/7870/6830>.

Acesso: 30/10/2018 -

DARIOS, Maria das Dores Lia. **Problemas da literatura infantil**. São Paulo, Summus, 1979.

Decreto do Governo Provisório, nº 19.941. Diário Oficial da União – Seção 1 – 6/5/1931. p. 7191.

DECRETO Nº 19.851, DE 11 DE ABRIL DE 1931. Diário Oficial - 15/4/1931, Página 5800.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 1930-1933.

FESTA. Edição Fac-similada. Rio de Janeiro, Inelivro. 1978.

GOLDSTEIN, Norma. **Cecília Meireles**. São Paulo, Abril Educação, 1982.

LAMEGO, Valéria. **Arpa na Lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 1996.

LOURENÇA FILHO, M.B **Introdução ao Estudo da Nova Escola**; bases, sistemas e diretrizes da Pedagogia Contemporânea. 14 ed., Rio de Janeiro, EdUERJ, Conselho Federal de Psicologia, 2002.

MEIRELES, Cecília. **Manhã**. *Walt Disney no Brasil*. 29 de agosto de 1941.

_____. **Pobre Escola**. *Página da Educação*. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 1931.

_____. **Problemas de Literatura Infantil**. 3 Ed.. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

_____. **Poesia Completa**. Vol. 1, São Paulo, Global, 2007.

_____. **Poesia Completa**. Vol. 2, São Paulo, Global, 2007.

Revista HISTEDBR ONLINE, Campinas, nº especial, p. 188-204, ago.2006.
Acessado em 17/10/2018:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640047>.

Revista A ORDEM. Editorial n. 15, 1931, p. 257-262.

Abstract: In the context of the modernist movement, in Brazil, in the decade of Twenty, an educational proposal denominated School Nova originates. It aimed to abandon the so-called traditional school model to implant a modern model, transferring the decision-making center of the authority of parents and teachers to the freedom of students and teachers. The work of Cecilia Meireles is included in this context.

Keywords: Politics, New School, Education.